

Duas técnicas decorativas a cal no Convento de Cristo

Os revestimentos de imitação da estereotomia do aparelho construtivo e a sua exaltação através do modo como as juntas são tratadas

Beatriz Pereira | Aluna de mestrado em Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar

Joaquim I. Caetano | Investigador integrado do IHA-FL-UL

Fernando Costa | Investigador integrado do Centro de Investigação Techno&Art

O Convento de Cristo, em Tomar, é conhecido pela sua riqueza arquitectónica e por ser um dos monumentos mais importantes do nosso país e da Europa. Este destaque deve-se à cronologia e motivações da sua construção, que foi iniciada no século XII para ser a sede da Ordem do Templo. Depois da extinção dos templários, passou a ser a sede da Ordem de Cristo que, como é conhecido, foi afiliada à Coroa portuguesa. Todos estes momentos e acontecimentos fizeram com que este monumento integre tesouros únicos.

No âmbito da dissertação de mestrado em Conservação e Restauro sobre a pintura mural do Convento menos estudada (que se encontra em realização), deparámo-nos com vestígios de decorações murais que são comuns em todas as zonas do país: revestimentos de imitação e de exaltação da estereotomia da pedra através do modo como as juntas são tratadas. Desta forma, chegámos à conclusão de que os paramentos do Convento de Cristo nem sempre tiveram o aspecto “despido” que hoje observamos e que, frequentemente, existia uma preocupação com a decoração dos espaços, não funcionando, na maior parte dos casos, apenas como elementos de protecção. São

duas soluções decorativas que, visualmente, não diferem muito, mas que apresentam técnicas de execução distintas, subdividindo-se em cinco tipos diferentes.

Consideramos que o estudo deve ser realizado em conjunto, uma vez que não só partilham o mesmo conceito estético, como foi referido, mas também a intenção com que foram realizadas.

Revestimentos de imitação

Definimos revestimentos de imitação da estereotomia da pedra como aqueles que foram aplicados sobre o aparelho construtivo da parede, de forma a simular uma estrutura de cantaria, cujas juntas se encontram destacadas por via da cor e/ou da volumetria. Os supostos blocos de pedra podem ser realizados pela utilização da cor ou da aplicação de um reboco de cal e areia, como veremos.

Nos espaços do Convento de Cristo encontramos três subtipos de revestimentos de imitação:

- i) através da aplicação de cor;
- ii) através da aplicação de reboco; e
- iii) através da aplicação de cor nas juntas.

Utilização da cor

Encontramos exemplos da utilização de cor com a intenção de simular um aparelho de cantaria regular numa parede interior anexa à nave manuelina, nos enxalços das janelas Sul e Oeste da Sacristia/Sala do Capítulo e ainda nas nervuras do Claustro de Santa Bárbara.

Estas imitações foram realizadas aplicando uma tinta ocre claro sobre o muro (não é perceptível a utilização de preparação), pintando, posteriormente, as juntas fingidas por cima do ocre, com o que cremos ser cal, não coincidindo com as juntas verdadeiras do aparelho.

Curiosamente, os dois primeiros exemplos referidos foram aplicados sobre outra campanha de outra técnica decorativa que falaremos mais adiante: a aplicação de massas nas juntas de forma a exaltar o aparelho de cantaria. De facto, em termos visuais, estas duas situações são bastante semelhantes.



Aplicação de reboco

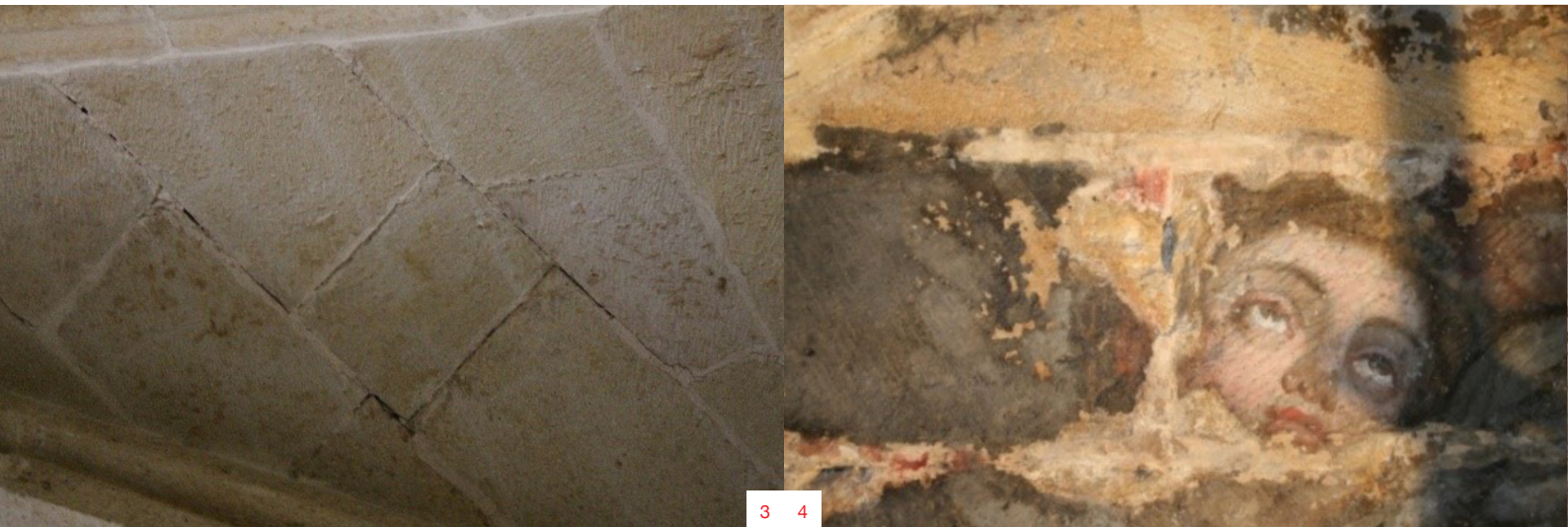
Deparamo-nos com revestimentos de imitação da estereotomia da cantaria através da aplicação de reboco, em quatro locais diferentes do Convento: no corredor Norte de acesso à nave manuelina a Norte, na antiga entrada da Charola/bilheteira, nos frontões da fachada Este do Noviciado e ainda na inacabada Casa do Capítulo.

O processo de realização destes revestimentos começava pela aplicação do reboco, cujas areias eram escolhidas tanto pela cor, como pela sua granulometria, de forma a apresentarem coloração e textura idênticas à da pedra. Joaquim Caetano descreve a forma de aplicação destes rebocos, por meio de um processo de *subtração* de matéria: *a argamassa é aplicada no paramento, bem apertada de modo a deixar a superfície lisa e esbranquiçada pelo leite de cal que aflora à superfície. É então marcada e estereotomia do aparelho por incisão, definindo os blocos de pedra e respectivas juntas de determinada espessura. Posteriormente retira-se, por raspagem, uma fina camada desta argamassa, nas zonas correspondentes aos blocos de pedra. Usa-se habitualmente uma*

areia de grão médio e escura de modo a obter-se uma textura semelhante à da pedra bujardada. O resultado final, em termos de leitura, é muito semelhante ao do objecto a imitar – uma massa fina e clara nas juntas, num plano superior ao do reboco raspado, a imitar a pedra, de tom mais escuro, criando assim um jogo de contrastes cromáticos e de diferenças de planos¹. Sofia Salema refere que este tipo de técnica pode englobar-se no esgrafito de uma só camada². A autora explica que esta técnica se assemelha bastante à forma de aplicar o intonaco na realização da pintura a fresco, afagando e apertando bem o reboco. Quando este já apresenta uma certa presa, os motivos desejados são raspados com uma lâmina. Quanto ao suporte onde são realizados, não nos foi possível chegar a nenhuma conclusão, exceptuando o caso da antiga entrada/bilheteira, em que, devido às lacunas noutros revestimentos próximos e conhecimento proveniente do estudo elaborado sobre o fresco do janelão da Charola, percebemos que se tratará de uma alvenaria mista. No entanto, não excluimos a hipótese de algum dos outros exemplares ter sido realizado sobre a cantaria, uma vez que esse procedimento era bastante comum.

1 | Pormenor da utilização cor de forma a imitar cantaria de pedra. Note-se a sobreposição de técnicas presentes.

2 | Vestígio de reboco de imitação de cantaria num frontão da face Este do Noviciado.



Imitação das juntas

A imitação de juntas acontece directamente sobre a cantaria que constitui o aparelho construtivo da parede, simulando juntas em locais onde elas não existem. cremos que o objectivo se prende com a alteração da percepção das dimensões dos blocos, fazendo com que, visualmente, pareçam mais pequenos e/ou com a alteração da disposição das juntas, ou seja, as juntas originais são “camufladas” com massa cromaticamente idêntica à dos blocos e são pintadas outras noutros locais. A identificação desta técnica dá-se, muitas vezes, quando o estado de degradação já é avançado e são perceptíveis lacunas, onde percebemos que, na realidade, não existe qualquer junta real.

Encontramos casos de imitação das juntas na Sacristia/Sala do Capítulo e, como foi referido, nos enxalços das janelas, subjacente à utilização da cor, nos panos da abóbada da nave manuelina e ainda num bloco do cunhal do segundo andar do Claustro de Santa Bárbara.

Pensamos que, nestes exemplos (exceptuando o primeiro andar do Claustro de Santa Bárbara) terão sido ocultadas as juntas reais, uma vez que estas (hoje visíveis) e as juntas

fingidas (das quais só resta o tingimento ou pequenos vestígios) não eram compatíveis visualmente umas com as outras. Na sala do capítulo ainda hoje encontramos vestígios do reboco que cobria as juntas verdadeiras, tanto no tecto como no enxalço da janela Sul. O exemplar que encontramos no primeiro andar do Claustro de Santa Bárbara foi realizado, parcialmente, sobre uma argamassa aplicada para colmatar uma lacuna do bloco, sendo que ainda conseguimos observar as linhas feitas que delimitariam a junta.

Exaltação da estereoctomia através do tratamento das juntas

Esta técnica consiste na aplicação de massas nas juntas de uma determinada forma, cuja intenção foi, predominantemente, a de fazer sobressair a leitura da estereoctomia da cantaria, através, como já foi referido, da cor e/ou volumetria.

No Convento de Cristo, assistimos a duas tipologias:

- i) aplicação de argamassa saliente nas juntas; e
- ii) aplicação de cor na junta.

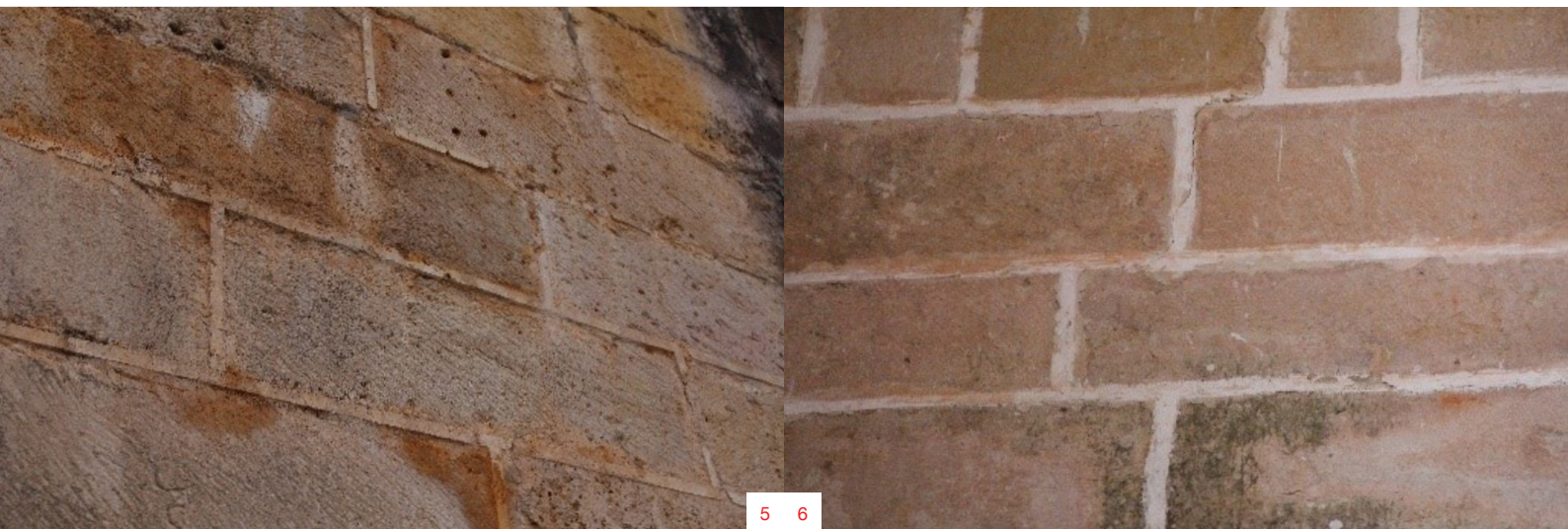
Aplicação de argamassa saliente nas juntas

Encontramos exemplares da aplicação de argamassas nas juntas de forma a ficarem relevadas no muro a Este do Portal Sul, num dos contrafortes Norte da nave manuelina, entre as colunas adossadas do Claustro do Cemitério e ainda no arco triunfal da nave (subjacente à pintura). Diferem de outro tipo de aplicação de argamassas nas juntas das cantarias, uma vez que o seu propósito primordial não é o de protecção, mas sim o decorativo.

Quando observamos estas juntas percebemos que foram cuidadosamente realizadas, possivelmente com o auxílio de réguas ou de outro instrumento que permitisse dar este aspecto, de forma a estarem num plano saliente relativamente ao da cantaria do aparelho.

Aplicação de cor nas juntas

Quando nos referimos a aplicação de cor nas juntas, referimo-nos às juntas nas quais foi aplicada uma massa de refechamento que, depois, foi pintada de branco. Enquanto que a técnica anterior produz juntas de argamassa



5 6

saliente, esta produz juntas, também brancas, cuja argamassa se encontra ao mesmo nível do plano da cantaria.

Tal como as imitações de juntas, só é possível aferir a técnica de cada uma quando estas apresentam lacunas e é possível observar a pedra.

Encontramos exemplares destas técnicas no Convento nos janelões Sul e no Cruzeiro do Dormitório e ainda num dos arcos do Claustro da Hospedaria. Curiosamente, os que encontramos no Cruzeiro do Dormitório parecem ter sido repintados várias vezes, o que nos indica a manutenção deste gosto decorativo.

Considerações finais

O estudo destas duas soluções decorativas não tem sido tarefa fácil e torna-se bastante difícil devido à sua destruição. Cremos que a aniquilação destas decorações se deve a quatro factores:

- i) não serem uma decoração pictórica;
- ii) serem compostos de materiais pobres;
- iii) na sua génese, serem camadas de protecção e, conseqüentemente, estarem sujeitos ao desgaste natural de um revestimento; e
- iv) falta de estudo, que acaba por perpetuar este ciclo de destruição.

É através dos vestígios que permaneceram cristalizados ao longo do tempo que perceberemos as metamorfoses deste monumento e construímos a sua história. A montagem deste puzzle ajuda-nos, na maior parte dos casos, na compreensão do carácter funcional e estético dos espaços, bem como das alterações a que foram sujeitos.

Tendo isto em conta, não são importantes apenas como testemunhas de uma expressão decorativa da arquitectura, mas são também fulcrais na compreensão dos espaços, na leitura que um dia tiveram e nas alterações que estes foram sofrendo.

Desta forma, consideramos que a sua preservação é urgente, consolidando e fixando o material original, bem como fazer o seu estudo, especialmente no que toca à sua cronologia e evolução e em que espaços eram utilizados e, ainda, as variantes desta técnica que se encontram em território nacional ■

NOTAS

1. CAETANO, Joaquim Inácio, *Motivos decorativos de estampilha na pintura a fresco dos séculos XV e XVI no Norte de Portugal. Relações entre pintura mural e de cavalete*, tese apresentada à

3 | *Pano da abóbada da Sacristia/ Sala do Capítulo com o tingimento das juntas fingidas e vestígios do reboco que poderá ter camuflado as juntas reais.*

4 | *Juntas salientes subjacentes à pintura do arco triunfal.*

5 | *Massas nas juntas salientes no exterior da zona Sul da Charola.*

6 | *Juntas pintadas a branco no cruzeiro do Dormitório.*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para a obtenção grau de doutor em História de Arte com especialização na área de Arte, Património e Restauro, 2010. p. 50.

2. SALEMA, Sofia, *O corpus do esgrafito no Alentejo e a sua conservação. Uma leitura sobre o Ornamento na Arquitectura*, tese apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa para obtenção de grau de doutora em Arquitectura, 2012. p. 127.